

A autoimagem de adolescentes do gênero masculino no tratamento da dependência química

Janaína Haas*
Amanda Saraiva Angonese**
Lisandra Antunes de Oliveira***

Resumo

A versão de sentido e o método fenomenológico, juntamente com a análise dos desenhos produzidos por quatro adolescentes do gênero masculino, forneceram dados para fundamentar os resultados desta pesquisa, que após analisados e discutidos, levaram a conclusão do presente trabalho. O desejo de criar novos métodos eficientes no auxílio da recuperação de dependentes químicos, baseados em quem eles são e o que querem no momento do tratamento, fez surgir as questões que nortearam esta pesquisa. Conhecer a autoimagem e os sentimentos envolvidos nos adolescentes, na vivência de um momento de privação da liberdade, ou seja, conhecer estes adolescentes se faz indispensável no trabalho com estas futuras intervenções. Fazendo uso de elementos percebidos nos desenhos, pôde-se constatar a correlação existente entre estes e as falas obtidas em entrevistas. Em um ambiente interno de conformismo com a situação atual, essa autoimagem revela-se feliz a partir das verbalizações dos entrevistados, embora se mostre dependente. Dessa forma, pode-se agora, ao fim desta pesquisa, pensar em formas de intervenção em nossa região, a qual não dispõe de nenhum serviço especializado para o tratamento da dependência química.

Palavras-chave: Autoimagem. Adolescentes. Dependência química. Conformismo. Personalidade dependente.

1 INTRODUÇÃO

Tendo como preocupação maior acabar com o tráfico e o uso das drogas, hoje em dia a dependência química é um assunto amplamente abordado nos meios de comunicação gerando discussões nos diversos setores. Conhecendo os tratamentos oferecidos hoje na luta para vencer a dependência de substâncias, este artigo tenta resgatar a essência de um adolescente que se vê privado de sua liberdade, tentando curar-se de um vício nem sempre por sua própria vontade, mas sim, pelo desejo da família ou pela ordem de um juiz. Partindo de um pressuposto de que é necessário conhecer o adolescente para saber qual a melhor forma de tratá-lo, quais as melhores intervenções e o que mais além do tratamento medicamentoso é necessário, foi realizada uma investigação para descobrir quem é e como se vê esse adolescente. Por meio de desenhos e entrevistas individuais obteve-se um resultado, foi encontrada uma autoimagem que pode agora, auxiliar na criação de novos métodos de tratamento eficazes para a dependência química em adolescentes. A pesquisa que

* janinha_ha@yahoo.com.br

** nanda_smo@hotmail.com

*** psicologia.smo@unoesc.edu.br

será relatada aqui se originou em um Trabalho de Conclusão de curso apresentado a Universidade do Oeste de Santa Catarina pelas autoras.

2 O QUE DIZEM OS AUTORES...

Objetivando conhecer a autoimagem de adolescentes dependentes químicos, alguns autores que abordam este tema tiveram seus escritos estudados colaborando no processo ao longo desta pesquisa.

Dessa forma, cita-se Stratton (1994) que conceitua autoimagem como sendo a imagem interna que um indivíduo tem de si mesmo: uma espécie de descrição interna que é construída por meio da interação com o meio ambiente e do *feedback* fornecido pelos outros. A maioria das pessoas que possuem um baixo conceito de si mesmas não está apenas pouco familiarizada com seus próprios corpos, com sua forma de sentir, com aquilo que podem fazer e também, geralmente, não gostam de sua aparência (ou do que pensam que é sua aparência).

Na intenção de conhecer previamente o público alvo da pesquisa, foi estudado o texto de Alves, Caniato e Costa (2005) que trata a adolescência como a fase na qual o indivíduo se redefine como pessoa, numa busca de si mesmo. Trata-se da transição da identidade infantil para a identidade adulta, ou seja, nesta fase, ocorre a desestruturação e reorganização estrutural da identidade e personalidade.

Um aspecto que varia na vertente das diferenças de gênero, conforme afirma Strey (2005), é uma tentativa de determinar as dimensões psicológicas da masculinidade e da feminilidade. Buscam-se os aspectos que diferenciam homens e mulheres, mas acima de tudo, se elas realmente existem e o que as determina.

Acerca do tratamento, segundo Tiba (2007), orientação, tratamento médico e grupos de auto-ajuda, são os principais recursos para trabalhar as pessoas envolvidas com drogas. Os jovens, em geral, são rebeldes às clássicas psicoterapias, mas quando usam drogas, as resistências pioram e eles criam verdadeiras batalhas em casa para não irem às consultas, conforme relata o autor.

Finalmente, sobre a dependência química, Bucher (1991) afirma que “a dependência é a consequência (sic) de um desejo sem medida” e ressalta que toda sociedade é consumidora de drogas; o seu cultivo, sua divulgação e seu consumo representam, pois, um fenômeno cultural. Três funções sociais desse consumo se destacam: superar a angústia existencial, entrar em contato com forças sobrenaturais e obter prazer. Esses três objetivos são atingidos de maneira integrada ou, pelo contrário, de maneira marginalizante. A relatividade cultural da presença de drogas em uma determinada sociedade é notável, o que é demonstrada através de uma série de exemplos.

3 METODOLOGIA

Um dos métodos utilizados na realização da pesquisa foi o fenomenológico que se refere a um método que torna possível que se chegue ao fenômeno com o intuito de capturar a sua essência, buscando a descrição da experiência consciente ou do mundo-vivido dos indivíduos, onde o dia a dia acontece com o desejo de revelar seu significado, desvelando assim, a própria intencionalidade do sujeito, dentro do fenômeno vivenciado.

Complementando a fenomenologia empregamos também a Versão de Sentido que é um instrumento de compreensão do processo terapêutico, onde se faz um relato da experiência logo

após a sessão ou ao evento vivenciado. Situa-se historicamente nas pesquisas e análises feitas pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) ou em abordagens humanistas com enfoque fenomenológico (sendo o caso da pesquisa).

Para dar veracidade aos dados coletados através da Fenomenologia e da Versão de Sentido foi utilizada também a Análise de Desenhos submetendo os elementos encontrados nos mesmos à teoria encontrado em diversos livros referentes ao assunto e posteriormente estes dados foram confrontados com o que havia sido encontrado nas entrevistas.

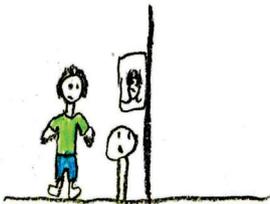
4 DISCUTINDO OS RESULTADOS

Conforme Derdyk (1994), "o desenho como linguagem para a arte, para a ciência e para a técnica, é um instrumento de conhecimento, possuindo grande capacidade de abrangência como meio de comunicação e expressão." Dessa forma, o uso destes desenhos no presente trabalho, se faz absolutamente imprescindível, para que possamos, além das palavras, as quais não podemos medir o nível de veracidade, fazer uso dos desenhos produzidos pelos adolescentes, como forma de expressão de sentimentos, muitas vezes inconscientes.

A pessoa que desenha, tende a emprestar às figuras que esboça a sua própria experiência corporal, sendo que toda arte contém algum elemento da personalidade íntima do artista. Dessa

forma, ressalta-se a importância dos três momentos distintos que estão representados nos desenhos: o *durante o tratamento*, que sendo este o representante do presente, é vinculado com a observação, neste caso específico, de si mesmo inserido num espaço de tratamento e privação de liberdade e do uso da(s) substância(s), das quais são dependentes ou mesmo usuários (considerando o fato de que a pessoa pode ser dependente de uma droga e fazer uso esporádico de outra(s)); do *antes da internação* que, aludindo ao passado, está diretamente ligado a memória da vida nas ruas, da vida que girava em torno de conseguir a

droga para usá-la e sentir aquele prazer extremo, que dura apenas um momento; e do que imaginavam para *depois do tratamento*, que é o futuro, ao qual está ligada quase exclusivamente a imaginação. Uma imaginação que chega a ser um tanto quanto restrita e, a qual não sabe se irá se tornar real ou, melhor dizendo, não temos como especificar por quanto tempo poderá vir a ser uma realidade, antes que os adolescentes sejam novamente tragados pela dependência, o que, felizmente, acontece na maioria dos casos.



5 FIGURA 1

A posição do desenho que os adolescentes realizaram de si próprios no espaço da folha e seus significados, de maneira geral, segundo Van Kolck (1981), revela muito da orientação geral deles no ambiente. Já para Hammer (1991), quanto mais afastado para a esquerda, a partir do centro da folha, estiver o desenho, maiores são as chances de que os adolescentes tendam para um compor-

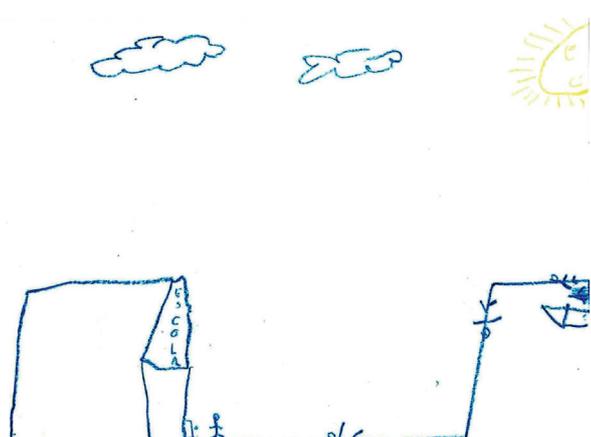
tamento impulsivo, de procurar uma satisfação imediata, franca e emocional de suas necessidades e impulsos. (Figura 1) O autor também sugere que a pessoa que se desenha retraída para baixo e para a esquerda deseja procurar a segurança que está lhe faltando.

No que imagina para depois da internação, um dos adolescentes desenhou-se abraçado ao que deduzimos ser a namorada, já que o mesmo cita-a na entrevista. Como sua imagem junto à da namorada se localiza mais à esquerda da folha, significando o predomínio da afetividade (o que pode justificar a presença da namorada) e satisfação das necessidades e impulsos, pode-se hipotetizar, uma troca das drogas pela presença da namorada, colocando o adolescente numa situação de dependência da figura dela, como se precisasse dela, como incentivo para não usar o crack.

Eles nos passaram a impressão de que necessita sempre de algo ou alguém para controlá-los/ampará-los. Durante o período de internação, eles têm o tratamento em si que os mantém longe das drogas. Após este período, evidenciam precisar de alguém que faça este mesmo papel.

Um dos adolescentes desenhou-se seguindo um caminho que parte da extremidade do lado direito da folha para o lado esquerdo da mesma. Para Hammer (1991), esta inclusão de linhas para representar o chão, pode ser interpretada como expressão de necessidade de apoio ou ajuda. No caso de nosso adolescente, é como se ele regredisse, voltasse da extroversão para a introversão, do altruísmo para o egoísmo, fosse das relações com o futuro e do progresso para onde existe o predomínio do passado e do esquecido. Demonstrando superficialmente querer voltar para a escola, contudo, no seu inconsciente querer voltar para a antiga vida.

6 FIGURA 2



Este mesmo adolescente fez uso do giz azul para a produção de todo o desenho, e conforme Van Kolck (1981), o excesso desta cor indica introversão, pessimismo e exagero de controle. Dessa forma podemos levantar a hipótese de que o adolescente, conscientemente queira voltar para a escola e ter uma vida melhor, contudo, já está tão dominado pela rotina da vida em meio às drogas que inconscientemente não consegue se imaginar longe, o inconsciente é pessimista e não acredita em nada que possa transformar para

melhor a vida dele. Podemos pensar também em um pedido de ajuda, deduzindo que ele sabe que sozinho pode não conseguir, talvez, se a família ou profissionais capacitados o ajudarem, ele possa ter uma chance de mudar. (Figura 2)

Outro aspecto analisado foi a verticalidade, indicando que quanto mais abaixo da linha central da folha o desenho se localizar, maiores são as chances dos adolescentes sentirem-se inseguros e inadequados e esse sentimento produzir uma depressão em seu humor; e há uma maior probabilidade também de os sujeitos estarem ligados à realidade ou orientados para o concreto. (HAMMER, 1991) Nos desenhos produzidos pelos adolescentes, todos se encontram na metade inferior da folha, o que, das duas opções fornecidas pelo autor, se conclui que eles se encaixam nos sentimentos de insegurança e inadequação.

Quanto a não centralização dos desenhos na folha, pesquisas mostram crianças que não centralizavam os desenhos, tendo qualidades de menor controle e maior dependência conforme nos diz

Hammer (1991), o que justifica o fato de nenhum dos adolescentes ter centralizado os desenhos de suas imagens, representando claramente a atual dependência destes jovens pelas drogas e o baixo controle em relação ao parar de usar ou se afastar de pessoas, que podem facilitar a aquisição e o uso destas.

O tamanho da representação do "eu", indica um dos pontos muito focados na interpretação de desenhos, dando-nos uma ampla noção sobre os sentimentos do autor do mesmo. Este tamanho é medido em relação à folha em que o desenho foi produzido. Nos desenhos feitos pelos adolescentes, podemos classificar os tamanhos em dois: muito pequeno ou minúsculo; e pequeno. Quando falamos em desenhos minúsculos, temos a tradução de um sentimento de inadequação e mesmo rejeição pelo ambiente, e tendências ao isolamento. O que se encaixa ao proposto em relação à localização na folha, que também faz menção aos sentimentos de inadequação, como um dos adolescentes desenhou-se. Os outros três, desenharam-se, no que consideramos desenhos pequenos e estes se traduzem em sentimentos de inferioridade, inibição, depressão e comportamento emocionalmente dependente (VAN KOLCK, 1981).

Se pensarmos neste sentimento de dependência, do qual o autor fala, podemos considerar o fato dos adolescentes serem dependentes de substâncias químicas e também, o fato deles citarem muito a felicidade que sentem pela família estar feliz, em função do tratamento. É como se dependessem da família para sentir felicidade em estar fazendo o tratamento. Em geral, Van Kolck (1981) afirma que quanto maior o desenho, maior a valorização de si mesmo, esta, sendo mais compensatória quanto mais exagerado for o tamanho. Assim, conclui-se, que pelo fato dos desenhos serem pequenos, a valorização de si mesmo é baixíssima, nos levando a crer então ser menos prováveis que estes adolescentes se sintam felizes em estar fazendo o tratamento por si próprios e tornando também, mais necessário, o papel da família na felicidade sentida nesse período de tratamento. Incapacidade e dependência são refletidas, quando no desenho, os braços da pessoa retratada, encontram-se afastados para os lados como se fossem incapazes de ação (HAMMER, 1991). Essa incapacidade pode estar relacionada aos adolescentes serem dependentes de uma substância para conseguirem fazer algo que, sem ela, não teriam coragem e também ao fato de, talvez, desejarem deixar a condição de dependente químico, entretanto, por uma ou muitas razões, não conseguiram.

O sol que, segundo Hammer (1991), pode significar uma busca pelo aquecimento, calor e conforto emocional, aparece em sete dos 12 desenhos, conforme podemos observar na Figura 2. Além disso, conforme Pacannaro ([19--]), o desenho do sol representa a figura do pai, a pessoa de autoridade. Podemos então imaginar uma falta dessa figura paterna, que seria a responsável por impor os limites que, inconscientemente, pode ser uma forma de calor e de conforto emocional. Quem sabe, tudo o que estes adolescentes procuram, é alguém que tenha autoridade suficiente para impedi-los de cair neste mundo novamente, não importa quem (ou o que) venha a representar esse papel de autoridade em suas vidas.

Durante as entrevistas individuais e observando a produção dos desenhos de cada participante, pudemos perceber claramente os efeitos a longo prazo que algumas drogas podem causar, tais como a deficiência na memória, na escrita, no discernimento entre uma cor e outra, a lentidão e a dificuldade da fala, o pensamento demorado, etc. Aqui falamos tanto das drogas ilícitas (crack, cocaína, maconha, loló) que os adolescentes tinham o vício, quanto das drogas lícitas (medicamentos) que os mesmos usavam durante o tratamento.

Também nos é perceptível o quanto as drogas afetam a vida social de seus usuários. No caso dos pacientes que entrevistamos, estes acabaram largando a escola por causa da cocaína, crack, ma-

conha e loló, o que os restringe ao convívio com pessoas relacionadas às drogas ou mesmo a solidão das ruas nos longos períodos que passam “noiados”. A convivência com a família também se torna limitada ao núcleo familiar menor (pai, mãe, irmãos), e mesmo com este, as vivências são absurdamente restritas e de má qualidade, isso quando acontecem. Amigos? Não, apenas companheiros de dependência ou conhecidos que facilitam sua vida de adictos.

Tanto os adolescentes por nós entrevistados, quanto qualquer outro adicto que, por causa das substâncias psicoativas, acabam largando a escola para poderem desfrutar de mais tempo livre para ficarem absortos no mundo das drogas ou simplesmente por não terem disposição para fazer nada, além de usarem a droga, são prejudicados por apresentarem sérias complicações e limitações na escrita e no raciocínio. Isto se dá, por lhes faltar tais anos de estudo e por interferências no seu desenvolvimento normal (consequências orgânicas das drogas), o que os impede de se aperfeiçoar e conseguir futuros empregos, assim como o não aproveitamento de diversas oportunidades de crescimento pessoal.

Os jovens participantes desta pesquisa mostravam-se conscientes de não conseguirem controlar o vínculo com suas amizades, mesmo sabendo que a convivência com determinados amigos, é algo que irá provavelmente lhes remeter novamente ao mundo das drogas, ao qual pertenciam antes, como podemos perceber ao analisar o que um dos adolescentes nos diz em sua entrevista no momento em que fala de como é difícil se manter limpo após o tratamento: “eu sempre entro com o propósito de larga só quando tu sai lá fora é mais complicado que tu tem teus amigos e eu sou muito complicado, não consigo larga as amizade de irmão, meus amigo de irmão, não consigo, eu tento mas eu não consigo, e é muito complicado isso porque daí eu vo, eu faço o tratamento, to jogando um mês, três mês da minha vida fora, internado pra mim saí, recaí de volta”.

Enquanto os adolescentes produziam seus desenhos, íamos incentivando-os a criarem mais detalhes dizendo que havia ainda muito espaço em branco nas folhas e que este poderia ser ocupado, assim como o verso. Eles demonstravam pouca criatividade ou vontade para aprimorar seus desenhos. Desta forma, podemos perceber que a vida que levavam era uma vida vazia, sem detalhes, desprovida de sonhos e esperanças de um futuro melhor, uma vida sem sentido e triste, na qual, as drogas agiam deixando resquícios nos adolescentes, impedindo-os de terem mais a desenhar e até mesmo a falar. As sensações que eles nos provocaram durante esta etapa do processo, nos transmitiram a ideia de que suas vidas, por serem vazias, não podem produzir nada, nem mesmo reproduzir o prazer ilusório e momentâneo que as drogas provocam em seus usuários, o que acaba por deixar suas vidas carentes de emoção.

Algo que também nos chamou a atenção, foi o fato de estes adolescentes declararem estar felizes durante este período de tratamento, embora o modo com o qual verbalizaram isso, não condizia com suas palavras. Este novo dado instigou-nos a questionarmos o que realmente significa esta felicidade para eles, já que, segundo a nossa percepção de felicidade, os comportamentos e expressões faciais que os drogaditos apresentavam, não era o que considerávamos de alguém que se sente feliz. Isto nos levou a crer que, talvez, os surpreendemos com nossa pergunta de como se sentiam, o que deduzimos nunca ter sido por eles pensado anteriormente.

Nas entrevistas, observamos como os quatro adolescentes juntos, possuíam um conceito diferenciado para suas aparências e o que consideravam como bonito ou feio. Ao serem questionados de como se viam antes e durante o período de tratamento, estes nos davam definições contrárias ao

que nossa cultura predominantemente prega, sobre ser considerada bonita a pessoa que é magra e alta, apesar das atuais e constantes tentativas de se mudar o padrão de beleza de nossa sociedade.

Não há como falar destes adolescentes sem citar seu envolvimento em questões jurídicas. Roubo e assaltos são frequentes, viraram rotina na batalha para conseguir a droga. A manutenção do consumo exagerado exige grandes quantias em dinheiro. Como estes adolescentes não têm fonte de renda, a não ser em alguns casos, o dinheiro que a própria família lhes dá, é preciso encontrar outras fontes para conseguir aquilo de que mais necessitam e, para isso, eles acabam vendendo o que encontram dentro das próprias casas e até mesmo roubando.

Um ponto em que a droga propriamente dita ganha potência, é quando, nas essências, podemos claramente perceber que, se comparadas às ações, estão em número muito menor. O crack, a cocaína, a maconha e o loló, são apenas quatro substâncias, mas em números foram responsáveis por aproximadamente 50 ações relatadas. Em desvantagem numérica, porém extremamente poderosas. É como se as drogas tomassem o controle total da pessoa. Tudo que estes adolescentes sentem, pensam e fazem é pelo uso dessas substâncias.

Sobre a família, não há como negar a grande ênfase que lhe é dada. Uma curiosidade, porém, é que os adolescentes em momento algum, se mostram arrependidos do sofrimento que causam à família. Pode-se pensar, inclusive, que a culpa é atribuída à droga, o que de certa maneira, os exime de qualquer responsabilidade. O que as falas dos adolescentes nos mostram, é um pensar na família como motivo para aceitar o tratamento, já que fazem questão de dizer o quanto a família está feliz e bem, como aparece nesta fala de outro adolescente: "E daí, eu me sinto muito feliz por minha família ta bem porque eu me preocupo mais com a minha família do que comigo".

7 CONCLUSÃO

Qual é a imagem que os adolescentes no período de tratamento têm de si mesmos? Quem são eles e o que eles sentem? Eis o que gostaríamos de descobrir e fomos atrás de características e particularidades que pudessem nos dar respostas a nossos questionamentos, sendo que agora podemos afirmar que descobrimos um pouco de quem são os adolescentes, os garotos dependentes químicos, durante o tratamento.

Estes jovens parecem ser adolescentes conformados com a situação atual e não felizes. Estão satisfeitos com uma imagem corporal mais encorpada, fruto da fome que sentem na ausência de substâncias que diminuem o apetite. Estão satisfeitos com a tranquilidade, sob a qual suas famílias se encontram produto da certeza de saber onde os adolescentes estão e da segurança oferecida pelo internamento à eles. Percebemos que o desejo incontrolável e a vontade incessante de usar a droga, que caracterizam a compulsão, bem como a urgência com que necessitam disto, o imediatismo, são características de personalidade, que comprovadamente encontramos nos adolescentes através de seus relatos.

A dependência afetiva acaba estando diretamente relacionada à baixa autoestima, de forma que esses adolescentes têm uma necessidade inexaurível de amor e de aprovação. É aí que o papel das famílias se torna tão importante, pois eles são a maior fonte de amor que estes adolescentes possuem, mesmo com tanto sofrimento que lhes causam. Como a baixa autoestima provoca uma elevada falta de confiança em si mesmo, os adolescentes precisam da aprovação e do apoio da família para sentirem-se bem durante e até mesmo após o internamento. É um precisar deles para se

manter ali, é um alibi para suportar a permanência na internação e passar a acreditar, mesmo que superficialmente, que possam melhorar, quando saírem dali.

Quando esses adolescentes saem da internação, geralmente, acabam voltando à mesma rotina de antes, sem haver grandes e intensas mudanças. É preciso que se pense em algo que seja capaz de envolver os adolescentes, voltando sua atenção para atividades bem-sucedidas. É preciso, também, que se valorize aquilo que de bom for produzido por esses adolescentes, de modo que eles percebam que não só as drogas podem oferecer sensações boas, mas também o trabalho, o estudo e o aprendizado de novas atividades, incentivando assim, seus talentos e capacidades muitas vezes ainda não descobertos. Deve-se pensar em uma forma de reinserção na sociedade, que seja ao mesmo tempo envolvente, produtiva e prazerosa.

Meninos que se consideram felizes, satisfeitos pelas pessoas importantes de suas vidas estarão felizes e estarão bem por eles estarem no tratamento. São garotos satisfeitos com alguns quilos a mais que lhes fazem sentir mais bonitos, que sonham furtivamente com uma volta à escola, que lhes remetem a uma vida longe das drogas.

Quem realmente são os adolescentes dependentes químicos de regiões interioranas, como a em que vivemos, ou então o que é a felicidade para os jovens adictos, são questões com as quais nos deparamos no decorrer desta pesquisa e que não encontramos resposta. Ainda.

Abstract

The version of meaning and the phenomenological method, along with the analysis of the drawings produced by four male teenagers, provided data to base the results of this research, that after analyzed and discussed, led to the conclusion of the actual work. The desire of creating new efficient methods in the aid of the recovery of chemical addicts, based in who they are and what they want in the moment of the treatment, made the questions, that led this research, emerge. Knowing the self-image and the feelings involved in the teenagers, in the experience of a freedom privation moment, in other words, knowing the teenagers is essential in the work with these future interventions. Making use of the elements perceived in the drawings, it was possible to notice the correlations existent between these and the lines obtained in interviews. In an interior environment of conformity with the present situation, this self-image reveals itself efficient through the verbalization of the interviewed teenagers, although it is dependant. With this way, it is now possible, at the end of this research, think in intervention methods on our region, whose specialized services to chemical addicts are inexistent.

Keywords: Self-image. Teenagers. Chemical addiction. Conformity. Dependant personality.

REFERÊNCIAS

ALVES, Emanuelle Fogaça; CANIATO, Ângela Maria Pires; COSTA, Vanessa Alexandre da et al. A conquista do setting para a transformação. In: **Simpósio Internacional do Adolescente**, 2 ed. São Paulo: 2005. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000082000002&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 mar. 2009.

BUCHER, Richard. **Prevenção ao uso indevido de drogas**. 2. ed., Brasília, DF: Ed da UnB, 1991.

DERDYCK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

HAMMER, Emanuel F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1991.

PACCANARO, Benedito José. **O conhecimento do simbolismo astrológico aliada à Psicologia Infantil**. Disponível em: <<http://www.constelar.com.br>> Acesso em: 7 out. 2009.

STRATTON, Peter. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994.

STREY, Marlene Neves. Gênero. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa et al. **Psicologia Social Contemporânea**: livro-texto. Petrópolis: Vozes, 1998.

TIBA, Içami. **Juventude & Drogas**: anjos caídos. 9. ed. São Paulo: INTEGRARE Editora, 2007.

VAN KOLCK, Odete Lourenção. **Interpretação psicológica de desenhos**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1981.

